

# O Outro Idioma: Alguns pensamentos psicanalíticos sobre migração e perda da cultura e do idioma

**Nayla De Coster**

Citação de Khalil Gibran: O Outro Idioma

“Três dias após meu nascimento, deitado em meu berço de seda, olhando com espantado horror para o mundo novo à minha volta, minha mãe perguntou à ama de leite: “Como meu filho está?” E a ama respondeu: “Vai bem senhora, eu o tenho alimentado três vezes e nunca antes vi um bebê tão novinho e tão alegre”. Fiquei indignado e chorei: “Não é verdade mãe, pois minha cama é dura, e o leite que suguei é amargo em minha boca e o odor do seio é asqueroso em minhas narinas e sou muito infeliz. “Mas minha mãe não entendeu, nem a ama de leite, pois o idioma que eu falava era do mundo de onde vim”.

Um dos aspectos importantes da migração, seja por motivos econômicos ou por força de guerra e perseguição, é que o migrante deixa um espaço cultural familiar e integrado e vai para um espaço novo o que implica perda, luto e readaptação. O migrante é deslocado de repente e muitas vezes com violência. Muitos anos atrás, trabalhei numa ONG em Istambul que acolhia migrantes do Iraque, Síria, Etiópia, Somália, Darfur e de outros países do Oriente Médio. A maioria fugia da guerra ou de perseguições devido às suas opiniões políticas e preferências sexuais. Eles vinham ao centro de migração e esperavam meses, às vezes, anos, para serem registrados e receberem asilo político no exterior.

Sou psicanalista libanesa, minha mãe é palestina e atualmente mora e trabalha na Turquia. Eu e minha família fomos submetidas à violência da guerra e do exílio. Precisei lidar com meu próprio trauma de exílio e migração e tolerar o trauma transgeracional da história de exílio, humilhação e perda de minha mãe. Escrever este artigo foi difícil pois trouxe de volta muitos pensamentos dolorosos e sem resolução, principalmente da época em que a Turquia passava por um período de violência, instabilidade e repressão. A possibilidade de migrar novamente começou a me assombrar em repetição compulsiva e em outra encenação do trauma da família.

Um dos aspectos que considerei mais interessante ao trabalhar com migrantes no Centro vinculava-se à minha nacionalidade e à linguagem e história de exílio e perda que eu tinha em comum com os migrantes. Descobri que a maioria dos refugiados queria trabalhar comigo por eu ser a única que falava a língua árabe. Com frequência diziam que minha voz os fazia recordar sua mãe e a terra natal. Didier Anzieu<sup>[1]</sup> escreve que o banho melódico (a voz da mãe, suas canções) é o primeiro espelho sonoro que ajuda o bebê a construir a imagem de si.

## **O Migrante de Guerra:**

O migrante de guerra não parte por escolha, mas à força. É uma expulsão que coloca o migrante fora de si próprio e o aliena. Meu artigo examina esse tipo de migrante.

Quando o migrante ou refugiado deixa seu país de origem, ele também deixa para trás um mundo de tradição e de espaço cultural, despreparado para uma vida futura. A integração numa nova realidade se torna muito difícil porque nada há de sedutor no ato de migrar à força, diferente do migrante que parte em busca de uma vida melhor ou por motivos econômicos. Assim, o luto pelo país e idioma de origem se torna quase impossível, complexo e patológico.

Sabemos, a partir da teoria e do pensamento psicanalíticos, que qualquer perda desencadeará novamente perdas mais antigas e algumas primárias, do início da vida, ou seja, a perda do primeiro objeto de amor.

O migrante se verá em posição muito regressiva, com uma ferida narcísica resultante de perda de identidade, emprego, status e a dependência de uma ONG para alimentação e sobrevivência. Esta situação inconscientemente fará com que os traumas do bebê dependente da mãe para nutrição e abrigo sejam encenados novamente.

Quando o migrante parte devido à violência e à guerra, com frequência se verá em posição esquizoparanoide e precisará enfrentar a busca de ferramentas para sobreviver. O deslocamento induz, de forma característica, uma cisão traumática do Ego. Com frequência haverá a ruptura da estrutura familiar, pois a mãe fica deprimida e o pai castrado, de tal maneira que a criança por sua vez se torna tradutor ou “genitor continente”, obscurecendo e confundindo por isso a noção da diferença de gerações.

Para a maioria dos refugiados de guerra, a Turquia é uma zona de transição não o destino final. É o ponto “intermediário”. Muitas vezes ouvi os migrantes descreverem o sentimento de estarem pairando “no meio” do vácuo, “perdidos na tradução”. Esse “entre” é um lugar transicional não criativo em que o significado está congelado.

Muitos pacientes do centro mergulhavam em profunda depressão ou psicose com paranoia aguda e doenças psicossomáticas, especialmente os que eram torturados ou estuprados. Traumas de guerra são muito difíceis de representar e simbolizar. Muitas vezes o migrante substituirá sua capacidade simbolizante prévia por simbolização somática. O corpo tentará dar sentido quando a psique estiver incapacitada, levando a muitas doenças psicossomáticas.

Além disso, muitos migrantes precisavam lidar com a culpa de deixar e abandonar outros para trás. A perda do seu país natal era semelhante à perda objetual interna muito traumática e que muitas vezes reativava sentimentos de “terror sem nome” tal como descrito por Bion[2]. Ao perder seu continente físico e também psíquico, a maioria vivia com o medo de aniquilamento e desintegração.

Um dos riscos da migração é a dissolução da identidade e a perda de limites em um mundo estranho. Em *O Estrangeiro* de Albert Camus, o migrante surge como não humano, não-ser, sofrendo de isolamento e alienação. O que acontece com os objetos externos também acontece com os objetos internos. A exposição a uma cultura estrangeira e ao “outro” é também exposição ao “outro” interno. O contato com uma cultura nova é também o confronto com fantasias primitivas e arcaicas sobre as quais se constrói cada cultura. [3]

Em *Noite de Reis* de Shakespeare, Viola a migrante, naufraga na costa da Ilíria, pergunta “... Amigos, que país é este?” E, por sua vez, o provável anfitrião se indaga quem será que está chegando.

Quando os migrantes se confrontam com o “outro”, o “estranho” eles podem recorrer também a mecanismos de defesa que envolvem abandonar e negar sua identificação cultural para se integrar melhor no grupo novo algo que em si resulta em falso *self*.

O trabalho psíquico se baseia no pertencimento do sujeito a um grupo cultural. Freud[4] o chama de “die kulturarbeit”, o trabalho da cultura. Para J. Bleger[5], a cultura contém e mantém a psique. É uma espécie de moldura continente. Juntamente com a perda da sua cultura de origem, o migrante está em risco de perder seu idioma de origem ou língua materna que tiveram tanto função continente quanto protetora para ele. Ao abandonar seu idioma e cultura de origem para aprender o idioma do exílio e se integrar à nova cultura, muitas vezes, o migrante sentirá que abandona suas figuras parentais.

Este artigo é uma reflexão sobre a perda do idioma de origem ou língua materna e os problemas de integrar o novo idioma, o idioma do país de exílio.

### **A Perda do Idioma:**

Lacan considerou que a psique se organizava como linguagem. A linguagem é um envelope, uma função estruturante da psique, de acordo com Lacan.[6] A função estruturante da linguagem e da cultura permite que o indivíduo pense, elabore e processe. A linguagem ajuda a construir um espaço transicional e conceptual que auxiliará a criança a organizar o mundo e seus pensamentos. Com a perda do país e da cultura de origem, o migrante também perderá o espaço transicional e a capacidade de brincar, criar e estar só no sentido que Winnicott descreveu.[7]

O idioma de origem ou língua materna também faz parte do que constitui o “Eu-Pele” no sentido de D. Anzieu[8]. É o envelope psíquico que protege, mas também repele a sobrecarga de excitação e pulsão, inclusive a pulsão sexual e também a pulsão de apego.[9] A pulsão de apego permite a base narcísica que facilita trocas com os outros. Possui as propriedades da “Função Alfa” (Bion)[10] e desempenha o papel de limite entre externo e interno. A Função Alfa, de acordo com Bion, é função do materno e também do paterno. Auxiliará o bebê a digerir e processar todos os pensamentos brutos e agressivos, afetos e sentidos que o inundam ao nascimento. O Eu Pele é também a interface e o filtro entre o interior e o exterior.

### **Anseio por Experiências Sensoriais Perdidas:**

Inúmeras vezes, a migração induz a perda de múltiplos envelopes, espaço, som e cheiro. Estas são experiências sensoriais que ajudam a constituir o funcionamento psíquico do indivíduo. Para Winnicott, a relação entre mãe e bebê e o parceiro da mãe juntamente com o ambiente, desempenha um papel crucial na sustentação (*holding*) do bebê. O Eu pele integra a função de “sustentação” (*holding*) e ajuda a proteger contra suas pulsões primárias. Tudo isso está em risco de desmoronar quando há exílio, migração e perda da moldura interna e externa. Para o migrante, resulta na perda de interação entre continente/contido, perda da capacidade de *reverie* e induz ataques aos vínculos.

O idioma de origem tem função estruturante e continente. É infiltrado por fantasias primárias, fantasias incestuosas e fantasias de sedução e onipotência. É o vínculo libidinal com a

mãe, perder esse idioma e aprender outro pode implicar o medo inconsciente de romper esse vínculo materno. A cultura é transmitida e introjetada por meio do idioma e da relação com a mãe. O idioma é uma espécie de envelope sonoro que contém a voz da mãe e sua musicalidade.

No Líbano, nomeia-se o país de origem como terra do leite e do mel, em referência ao corpo materno. A linguagem de origem traz consigo o superego e as regras proibitivas do casal parental. É o que organiza a ordem social e é o primeiro instrumento de transmissão, tradução, processamento e simbolização. Para o migrante, adquirir a linguagem do país de exílio poderia ser adquirir uma linguagem sem afetos ou com afetos violentos e agressivos na medida em que os idiomas transmitem também traumas transgeracionais.

Entre meus pacientes que são cidadãos estrangeiros e vivem na Turquia, aqueles que se queixavam de não conseguir aprender e integrar a língua turca eram os que vieram de países que, durante anos, foram ocupados pelo Império Otomano.

### **O Trabalho com Migrantes:**

Finalmente, como nós, psicanalistas, podemos trabalhar de forma analítica com migrantes? Como podemos ajudar a tornar representável o irrepresentável? Quando o trauma externo é tão devastador, como é possível manter o vínculo com o interno? Esses traumas poderão ser simbolizados e traduzidos? Com certeza, em nosso mundo interno, todos somos migrantes. Todos nós sofremos a perda do objeto de amor, e todos fomos confrontados com terror sem nome, medo de aniquilamento, ansiedade de separação e medo de desintegração. Todos nos deparamos com o estranho, com o “outro” e com “outras” partes nossas, não desejadas, que não conseguimos conter e projetamos nos que são diferentes de nós.

Em minha reduzida experiência de trabalho com migrantes, senti necessidade de ser protegida e contida pela minha linguagem psicanalítica própria, minha linguagem psicanalítica que se tornou parte do meu eu pele, de modo que pudesse conter melhor minha contratransferência, meu desespero e raiva diante do destino trágico do migrante.

Nayla de Coster,  
Psicanalista, IPA, Psike Istanbul.

### **Referências**

- Anzieu, D. (1976) “L’enveloppe sonore du Soi”, *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 13, pp. 161–180.  
Anzieu, D. (1985) *Le Moi-Peau*, Dunod, Paris  
Bion, W.R. (1962) “The Psycho-Analytic Study of Thinking”. *Int. J. Psycho-Anal.*, 43:306-310.  
Bleger, J. (1930) *Psychanalyse du cadre psychanalytique*. pp.255-285, 1979  
Cupa, D. (2000) “La pulsion d’attachement selon D. Anzieu” in *L’attachement, perspectives actuelles*, Paris  
Freud, S. (1994) “Le malaise dans la Culture”. *O.C. F. XVIII*, Puf, pp.284  
Lacan, J. *Ecrits*. (2001) London. Routledge.  
Roheim, G. (1943) “The Origin and Function of Culture”.  
Winnicott, D.W. (1971) “Playing and Reality”. New York: London, Tavistock Publications, 1971.

- [1] Anzieu, D. (1976) "L'enveloppe sonore du Soi", Nouvelle Revue de Psychanalyse, 13, pp. 161-180. [O Envelope Sonoro do Ego].
- [2] Bion, W.R. (1962) "The Psycho-Analytic Study of Thinking". Int. J. Psycho-Anal., 43? 306-310. [Estudo Psicanalítico do Pensar]
- [3] Roheim, G. (1943) "The Origin and Function of Culture". [A Origem e a Função da Cultura]
- [4] Freud, S. (1994) "Le malaise dans la Culture". OCF VIII, Puf, pp. 284. {Mal-estar na Civilização}
- [5] Bleger, J. (1930) "Psychanalyse du cadre psychanalytique", pp. 255-285, 1979. [Psicanálise do enquadre psicanalítico]
- [6] Lacan, J. Ecrits (2001). London: Routledge.
- [7] Winnicott, D.W. (1971) "Playing and Reality". New York: London, Tavistock Publications, 1971. [O brincar e a realidade].
- [8] Anzieu, D. (1985) Le Moi-Peau, Dunod, Paris [O Eu-Pele]
- [9] Cupa, D. (2000) "La pulsion d'attachement selon D. Anzieu" in L'attachement, perspectives actuelles, Paris [A pulsão de apego conforme D. Anzieu]
- [10] Bion, W. R. (1962) "O Estudo Psicanalítico do Pensar". Int. J. Psycho Anal., 43: 306-310.